



EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E EXTENSÃO RURAL: REDEFININDO PRÁTICAS EXTENSIONISTAS ATRAVÉS DA COLABORAÇÃO ENTRE ATORES DO TERRITÓRIO

Allana Facchini da Silva (Universidade Estadual de Maringá)

Sandra Mara de Alencar Schiavi (Universidade Estadual de Maringá)

allanafacchini@gmail.com

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo explorar a interação entre Universidade e extensão rural, mais especificamente com o Instituto de Desenvolvimento Rural (IDR-PR). Busca-se compreender como a relação de parceria estabelecida entre a atividade de extensão universitária no âmbito rural e a extensão rural realizada pelo IDR-PR, tem redefinido, mutuamente, as suas práticas extensionistas. Para isso partimos de uma situação específica: a experiência de um projeto com produtoras rurais no qual um trabalho conjunto entre IDR-PR e Universidade foi desenvolvido. A metodologia utilizada nesta investigação consistiu na combinação da análise bibliográfica com as ferramentas de trabalho de campo - além de reuniões focais antes e após as oficinas. Obteve-se, como resultados preliminares, que 1) as reuniões antes do campo auxiliaram na construção dos caminhos de pesquisa e extensão a serem seguidos; 2) o constante exercício de reflexão crítica sobre o grupo trabalhado possibilitou um processo mútuo de reconsideração das práticas extensionistas e 3) uma estrutura como essa cria um ambiente favorável para que vozes das mulheres ganhem mais força, além de auxiliar na construção do poder de agência das produtoras rurais.

Palavras-chave: extensão rural; universidade; práticas extensionistas.

1. Introdução

Em conjunto com o ensino e a pesquisa, a extensão universitária forma a tríade que sustenta a função social da Universidade Pública (Deus, 2020). Podendo ser definida como o principal ponto de conexão com a comunidade externa, a dimensão da extensão possibilita não só com que conhecimentos científicos ultrapassem os muros da universidade, como também articula, interage e transforma a realidade social daqueles que são por ela atravessados. Não se trata, portanto, de uma simples “transmissão de conhecimento” científico para comunidade externa, e sim, pelo contrário, uma



construção conjunta de saberes que coloca em diálogo perspectivas técnicas, científicas e acadêmicas com visões culturais e populares. A extensão universitária, portanto, é uma “via de mão-dupla” (Pinheiro; Narciso, 2022).

Uma prerrogativa dessa atividade extensionista é a interação com uma gama diversa de agentes sociais. Entre eles, no campo da extensão rural, está a relação estabelecida com instituições responsáveis por promover o desenvolvimento territorial, aprimorar a produção em termos técnicos e capacitar produtores e produtoras. Compete a essas instituições, também, tornar as economias locais mais dinâmicas, formular e executar políticas públicas, contribuir para a inclusão social e segurança alimentar da população e promover sistemas agrícolas que possuam impactos ambientais reduzidos (IDR-PR, 2024).

Partindo desse contexto e estando inserido em um projeto mais amplo no qual objetiva-se promover a formação de mulheres para liderança na produção, comercialização e coordenação de cadeias de valor sustentáveis, este trabalho foca especificamente na interação entre os agentes envolvidos: produtoras rurais, Universidade e Instituto de Desenvolvimento Rural (IDR-PR). Buscamos elucidar, especificamente, como as relações entre os dois últimos agentes mencionados acima têm contribuído para a (re)construção mútua de práticas extensionistas. Para isso, iremos explorar os achados metodológicos das atividades de campo do projeto de extensão mencionado acima.

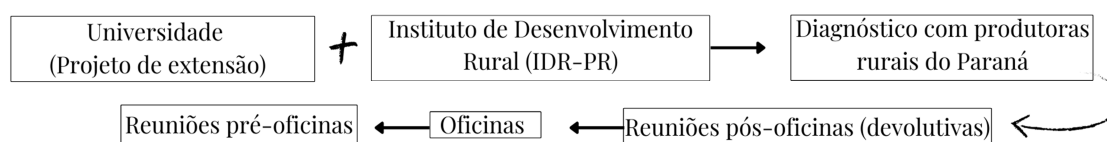
O público envolvido pode ser dividido em duas esferas: extensionistas do IDR-PR e produtoras rurais. Trabalhamos, portanto, com quatro localidades no Paraná: Tomazina, Itaguajé, Planaltina do Paraná e Astorga. Cada agrupamento continha as suas particularidades e eram muito diversos entre si. Em Itaguajé e Planaltina do Paraná as produtoras participantes, embora diferentes entre si, possuíam uma vulnerabilidade social maior e pertenciam a assentamentos do Movimento Sem Terra (MST). Em Astorga e Tomazina, também com demandas muito específicas, compartilhavam de um perfil socioeconômico similar e contavam com condições técnico-produtivas mais bem estruturadas. Em cada município, por fim, trabalhamos diretamente com os/as extensionistas (um ou dois) que acompanhavam os grupos e, eventualmente, com seus gerentes e diretores, conforme a necessidade.



2. Metodologia

Esse trabalho possui um caráter exploratório, indutivo e dedutivo. Por meio das metodologias de pesquisa qualitativa foram realizadas tanto a análise de fontes primárias e secundárias, quanto trabalho de campo. Considerando que o nosso foco neste trabalho é explorar as (re)formulações nas práticas de extensão, cumpre especificar, de forma mais detalhada, as atividades de campo desenvolvidas. Nesse sentido, a dinâmica das atividades desenvolvidas seguiu a ordem retratada no organograma abaixo (Figura 1).

Figura 1. Organograma das atividades



Fonte: Formulação própria

Após a fase inicial de construção da proposta do projeto e revisão da bibliografia, iniciamos a interação com os agentes da extensão rural do IDR-PR. Assim, com o intuito de compreender melhor a situação de produtoras rurais, nosso público-alvo, bem como reunir informações necessárias para a seleção dos grupos que fariam parte do projeto, formulamos e aplicamos, de maneira conjunta, o que foi chamado de questionário de diagnóstico. Através da inserção de questões que buscavam atender tanto os objetivos de pesquisa e extensão da Universidade, quanto dimensões sociodemográficas e produtivas que interessavam o IDR-PR, quatro localidades foram selecionadas: Itaguajé, Planaltina do Paraná e Astorga e Tomazina.

Sendo assim, com os grupos definidos, a metodologia adotada foi a seguinte: 1) reuniões pré-oficinas participativas; 2) as oficinas participativas em si e 3) atividades pós-oficinas. Nas reuniões iniciais, tinha-se como objetivo tanto o estabelecimento de um contato prévio com os/as extensionistas que acompanhariam cada grupo, quanto a apreensão da visão deste/a agente sobre o agrupamento que iríamos trabalhar. A partir disso, os roteiros das oficinas eram construídos. Adotando a metodologia participativa, as falas das produtoras ditavam o rumo da discussão. Assim, embora um roteiro prévio fosse pré-estruturado de acordo com objetivos mais amplos definidos nas reuniões com os/as extensionsistas, a oficina decorria dos elementos que as produtoras decidem trazer



para a discussão (SILVEIRA et al., 2009). A cada resposta das produtoras, a equipe as escrevia em papéis coloridos e, depois, as alocavam em um painel, onde todas podiam ver.

Com a finalização de cada oficina, eram realizadas, primeiramente, uma reunião apenas entre a equipe do projeto para a realização de uma síntese crítica do encontro, que contava, também, com uma arte gráfica do painel formado no dia da oficina e, depois, uma reunião com os/as extensionistas envolvidos/as. Após o alinhamento das percepções de todos os agentes extensionistas (Universidade e IDR-PR), o material das devolutivas eram formulados e entregues aos envolvidos. As devolutivas, a título de esclarecimento, tratam-se de documentos similares a relatórios que pretendem oferecer tanto registros da atividade realizada, quanto uma análise crítica do evento em questão. Elas servem, também, para dar os direcionamentos para a oficina seguinte. Assim, nos quatro grupos, apesar de partirmos de uma mesma abordagem inicial (oficinas de trajetória) e as oficinas seguintes foram ganhando temáticas mais particulares a cada grupo. Esse mesmo ciclo se repetia a cada oficina, sendo que os aspectos principais levantados pelas produtoras na oficina anterior, funcionam como o fio condutor da atividade seguinte.

3. Resultados e Discussão

Este trabalho é fruto de um projeto que ainda encontra-se em andamento. Por isso, como reflexões preliminares, foi possível notar que as reuniões antes do campo (oficina) auxiliaram muito na leitura e compreensão dos perfis dos grupos de produtoras que foram selecionados. Isso acabou auxiliando na elucidação de possíveis caminhos de pesquisa e extensão que poderiam ser seguidos. Percebemos, também, que o trabalho era facilitado quando o/a extensionista já possuía atividades em andamento com os grupos, nos oferecendo uma janela de entrada mais específica.

Outro resultado observado é que o constante exercício de reflexão crítica sobre o grupo trabalhado, construído pelas conversas nas reuniões antes e após a oficina, forma um ambiente propício para que o/a extensionista do IDR-PR (re)pense as suas práticas e ações na extensão rural -algo que nos foi informado diretamente por alguns deles. Esse impacto da proximidade também foi sentido pelos membros da Universidade que, diante das percepções subjetivas e objetivas dos agentes do IDR-PR, que possuem um



contato mais contínuo com as produtoras, remodelaram algumas de suas práticas e ações. Um exemplo disso foi a própria incorporação das devolutivas a cada oficina, rompendo com a prática de oferecer documentos similares apenas no encerramento do projeto. Ainda no mapeamento dos resultados iniciais, foi possível identificar que uma estrutura como essa exposta acima, isto é, que mescla atores como a Universidade, extensionistas (IDR-PR) e produtoras rurais, têm o potencial de criar um ambiente mais favorável para que as vozes das produtoras ganhem mais força.

Assim, com a exposição das suas falas e demandas, as ações pensadas em conjuntos assumem uma validação maior, além de estarem mais alinhadas às demandas e necessidades reais das produtoras. Por fim, esse espaço destinado a elas, de exercício da fala e posicionamento público, possui o potencial de auxiliar no reconhecimento da importância de desenvolver a consciência de agência dessas mulheres na produção rural.

4. Considerações

Considerando os avanços metodológicos observados neste trabalho, foi possível concluir que as percepções dos extensionistas envolvidos, sejam eles da universidade ou do Instituto de Desenvolvimento Rural, precisam estar em constante contato para que uma visão mais completa da situação em tela possa ser vislumbrada. Finalmente, ficou evidente que a presença das produtoras e o espaço destinado a ouvi-las e provocá-las no sentido de refletir sobre as suas próprias demandas, é indispensável para avançar verdadeiramente no desenvolvimento do território e na capacitação, adequada à realidade, dos/as produtores/as rurais.

Referências

PINHEIRO, Jonison Vieira; NARCISO, Christian Silva. A importância da inserção de atividades de extensão universitária para o desenvolvimento profissional. **Revista Extensão & Sociedade**, v. 14, n. 2, p. 2022.2, jun./nov. 2022.

DEUS, Sandra de. **Extensão universitária: trajetórias e desafios** / Sandra de Deus. – Santa Maria, RS : Ed. PRE-UFSM, 2020.

SILVEIRA, Paulo Roberto Cardoso et al.. **Metodologias participativas**. 1. ed. Santa Maria, RS,. Repositório Digital da UFSM, UAB, 2009.